

Alguns aspectos do fenómeno científico

I

Repetem-se, com uma insistência que parece obcecção, as apóstrofes obscurantistas contra o que se chama a «ciência prevertida». Isso não obsta a que, por outro lado, se divinize o trabalho de investigação científica com um entusiasmo cáldo que, por vezes, atinge os tons patológicos da adoração mística. Ainda entre os apologistas da ciência, podem-se opôr aos que vêem nela uma actividade espiritual desinteressada, a mais desinteressada e imparcial das actividades, os que a avaliam pela importância dos progressos materiais que esparge na vida do homem moderno.

Essa dissonância de atitudes indica já como o fenómeno científico é um problema a esclarecer, e até que ponto êsse esclarecimento tem de bolir com questões extra-científicas. Se tivermos em conta que é de intensa revisão de valores a época em que vivemos e que as ciências (como as técnicas que lhes andam ligadas) são um dos valores mais positivos e mais problemáticos dos nossos dias, que a sua função nas sociedades modernas alcançou, com o máximo de latitude, o seu ponto crítico em relação ao actual sistema histórico, — apreenderemos com facilidade esta ideia tão chocante para alguns: os problemas da ciência transcendem os círculos especializados para se alimentarem das próprias dúvidas e ambições do comum dos homens, e não podem por conseguinte ser olhadas sob o simples ponto de vista do trabalhador científico (enquanto age apenas como tal), questões que, como a do valor da ciência, interessam tanto, senão mais, o sociólogo e o político, como a própria ciência.

A teoria atómica da matéria, a teoria cromosómica da hereditariedade, a teoria da relatividade, etc., não são nem democráticas nem autoritárias, nem «judaicas» nem «nórdicas». Pretende-se com isto dizer que a ciência, ou o valor das afirmações científicas, nada tem com o domínio das afirmações políticas, religiosas e quejandas. Por outras palavras, quere-se se-

parar o domínio das ciências, — a verdade das coisas, a sua realidade —, do domínio dos outros interesses humanos. Enquanto a ciência se preocuparia em formular as leis dos fenómenos, na política e na sociologia seriam os juízos de valor os alicerces dos respectivos edifícios teóricos.

Estas e outras afirmações da mesma espécie, tôdas tendentes a evidenciar o carácter de imparcialidade ideológica das ciências —, tiveram e têm ainda o seu público. Não devemos esquecer que a opinião que nestes argumentos procurava vingar não só se justificava em parte (pelo desejo do cientista em colocar a sua investigação e as suas conclusões ao abrigo dos interesses políticos divergentes, pelo carácter universal das leis científicas (1)) como também se integrava numa tendência ideológica mais vasta e ao mesmo tempo mistificadora e conciliadora: o élan racionalista-liberal da vanguarda burguesa do século XIX.

Todavia, era bem de vêr que isso não bastava para esconder todas as facetas sob as quais o fenómeno científico se confundia com o geral dos fenómenos humanos. Assim:

a) A ciência, na medida em que nos auxilia a fazer uma concepção do mundo, reveste funções ideológicas.

As forças humanas que se debatem ao longo da História e cujo combate se faz em volta de situações sociais concretas, caracterizam-se por regimes mentais diversos (ideologias) que duma forma ou doutra procuram explicar o mundo de acôrdo com os moldes de vida em que baseiam a sua existência como agrupamentos sociais. Nesse sentido, a ciência e o prestígio dos cientistas pode ser e tem sido continuamente usado para defender esta ou aquela concepção de vida, esta ou aquela ideologia, esta ou aquela forma de existência, êste ou aquele agrupamento social. A ciência

(1) Em carácter universal reside no facto de essas leis serem válidas para toda a parte.